

- **Mesa Nº:** 17
- **Título de la mesa:** No avesso da cidade: sintomas da cidadela
- **Eje temático:** Histórias culturais urbanas
- **Resumen:** Voltaire, dizia, já no século XVIII, que a cidade podia ser lugar da “virtude” ou do “vício. Nossa questão tratará, portanto, da cidade como bom ou mau lugar para viver, da cidade como transcendência ou da cidade como cidadela. Antes de Voltaire, La Boétie, foi enfático quanto à vida em coletividade: “Não pode haver amizade onde há desconfiança, deslealdade, injustiça. Sociedade que não se funda nos laços da amizade e da fraternidade é, também, sem compaixão”. Espinosa foi também na mesma direção: sociedade sem espaço para a amizade e para a fraternidade, “não merece o nome de cidade mas antes de solidão”.
- Uma cidade será tanto mais cosmopolita quanto mais ela exercer a tolerância e a hospitalidade. Não é por menos que o cosmos grego é um mundo fechado regido pelas idéias de beleza, medida e proporção, onde todos ocupam o lugar que lhes é próprio na ordem da perfeição. Por isso mesmo a phylia antiga- a amizade- possuía medida sábia e a boa proporção para a vida feliz, na cidade. Faz sentido, então, que para se tratar da cidade a metáfora e a alegoria sejam muito mais eficientes que uma lógica formal, abstrata e identitária, pois as linguagens imagéticas são capazes de dar colorido a todos os afetos ali vividos .
- Tudo isso para constatar que viver é mais do que sobreviver, ou seja que a cidade é mais do que um abrigo, é o lugar em que afetos e desejos confirmam que podemos abrir mão da simples durabilidade física para gozarmos da plenitude da experiência social. Isso levamos a refletir sobre o viver nas cidades brasileiras onde, segundo um psicanalista, mal-estar e sofrimento se manifestam como sintoma do sonho distópico de se isolar do outro no espaço. Trata-se de patologias da cidade que se manifestam em suas formas de sociabilidade e que nos contam algo do seu “caráter”. Nossa intenção é, pois, cavar sob esses sintomas para observar uma história de desejos que pulsam mas são cancelados pela cidade.
- Se formos observar a cidade pelo seu avesso veremos que o que se manifesta é na verdade a cidadela , o desprezo pelo convívio, a intolerância e seu subproduto mais radical, a violência. Ou seja, o excesso de subjetividade, o excesso de investimento em si mesmo desprende o indivíduo do social. Esse mesmo indivíduo que se coloca além da transgressão e da culpabilidade, é um indivíduo que não adere a mais nada. O que importa , então, a esse sujeito é o que lhe permite, ou lhe impede de ser ele mesmo e o resultado disso é um desengajamento do mundo a partir do desapego à própria idéia de cidade, ou de vida coletiva.

- Diante dessa condição patológica do sujeito, este reproduz no espaço a impermeabilidade que atravessa sua vida, coisa que impõe restrições à circulação dos desejos e afetos. Tais restrições fazem com que a sociabilidade e urbanidade se encolham e que o sofrimento psíquico assome à cena como expressão de um social não mais legível para o indivíduo todo voltado para si. O que se pode observar, então, é o progresso do informal, que se faz acompanhar pela ascensão do insignificante e pelo processo de desinstitucionalização, de desengajamento e de descivilização. Como, então, expurgar a violência se a cidade passa a exprimir a cidadela e a sociedade a camuflar a barbárie? Nesse sentido, só a contenção pelas “formas”, como as da politesse e da civilité, parecem poder barrar os sintomas do mal-estar e do sofrimento, que se não fazem cidades perversas, instituem os perversos na cidade.
  
- **Coordinadores:**
  
- **Nombre del coordinador 1:** Robert Moses Pechman
- **E-mail coordinador 1:** betuspechman@hotmail.com
- **Afiliación Institucional del coordinador 1:** Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional-IPPUR/UFRJ
  
- **Nombre del coordinador 2:** Maria Stella M. Bresciani
- **E-mail coordinador 2:** sbrescia@lexxa.com.br
- **Afiliación institucional del coordinador 2:** Instituto de Ciências Humanas/Unicamp
  
- **Ponencias:**
  
- **Nombre ponente 1:** Robert Moses Pechman
- **Afiliación institucional:** IPPUR/UFRJ
- **E-mail:** betuspechman@hotmail.com
- **Título:** Sintomas da cidadela
- **Resumen:** Constata-se que viver é mais do que sobreviver, ou seja que a cidade é mais do que um abrigo, é o lugar em que afetos e desejos confirmam que podemos abrir mão da simples durabilidade física para gozarmos da plenitude da experiência social. Isso levamos a refletir sobre o viver nas cidades brasileiras onde, segundo um psicanalista, mal-estar e sofrimento se manifestam como sintoma do sonho distópico de se isolar do outro no espaço. Trata-se de patologias da cidade que se manifestam em suas formas de sociabilidade e que nos contam algo do seu “caráter”. Nossa intenção é, pois, cavar sob esses sintomas para observar uma história de desejos que pulsam mas são cancelados pela cidade.

- Se formos observar a cidade pelo seu avesso veremos que o que se manifesta é na verdade a cidadela , o desprezo pelo convívio, a intolerância e seu subproduto mais radical, a violência. Ou seja, o excesso de subjetividade, o excesso de investimento em si mesmo desprende o indivíduo do social. Esse mesmo indivíduo que se coloca além da transgressão e da culpabilidade, é um indivíduo que não adere a mais nada. O que importa , então, a esse sujeito é o que lhe permite, ou lhe impede de ser ele mesmo e o resultado disso é um desengajamento do mundo a partir do desapego à própria idéia de cidade, ou de vida coletiva.
- Diante dessa condição patológica do sujeito, este reproduz no espaço a impermeabilidade que atravessa sua vida, coisa que impõe restrições à circulação dos desejos e afetos. Tais restrições fazem com que a sociabilidade e urbanidade se encolham e que o sofrimento psíquico assome à cena como expressão de um social não mais legível para o indivíduo todo voltado para si. O que se pode observar, então, é o progresso do informal, que se faz acompanhar pela ascensão do insignificante e pelo processo de desinstitucionalização, de desengajamento e de descivilização. Como, então, expurgar a violência se a cidade passa a exprimir a cidadela e a sociedade a camuflar a barbárie? Nesse sentido, só a contenção pelas “formas”, como as da politesse e da civilité, parecem poder barrar os sintomas do mal-estar e do sofrimento, que se não fazem cidades perversas, instituem os perversos na cidade.
- **Nombre ponente 2:** Maria Stella M. Bresciani
- **Afiliación institucional:** Instituto de Filosofia e Ciências Humanas-IFCH/Unicamp
- E-mail: sbrescia@lexxa.com.br
- **Título:** Como falar de uma dimensão cosmopolita das cidades?
- **Resumen:** Como falar de uma dimensão cosmopolita das cidades? Quais as implicações do acolhimento? Quais preconceitos e mecanismos de rejeição se explicitam no simples movimento do olhar?
- Uma cidade será tanto mais cosmopolita quanto mais ela exercer a tolerância e a hospitalidade: este o desafio. Numa época em que “o fim da cidade” ressoa como veredicto, um tempo em que muitos mantêm o este diagnóstico ou prognóstico, como podemos ainda sonhar com um novo status para a cidade?, indaga Derrida.
- Sem dúvida, grande número de cidades vive em nossos dias o desafio de receber e acolher significativo número de imigrantes. Refugiados de áreas de guerra civil ou de condições mínimas de sobrevivência digna configuram nas cidades situações, senão novas, pelo menos potencializadas.
- A cidade de São Paulo é sede de acolhimento de estrangeiros imigrantes em larga escala desde a década de 1880, e embora o fluxo não tenha se dado de modo uniforme, ela voltou a receber novos imigrantes em número muito significativo nas duas últimas décadas do século XX e início do XXI. Os novos imigrados constituem tema presente de várias pesquisas e também merecem a atenção dos meios de comunicação e, para além

de sua espacialização territorial e inserção no mercado de trabalho, sobressai uma dimensão sensível da presença estrangeira, aquela do acesso aos direitos civis, e à cidadania permeada pelos preconceitos observáveis até mesmo nos olhares que a eles são dirigidos.

- Proponho trazer para o debate a correlação das diversas etnias presentes em uma mesma cidade e o cosmopolitismo; observar o desenho dos bairros, o predomínio de etnias específicas, as redes de solidariedade e modos de vida, bem como, os conflitos e obstáculos para a convivência. O eixo da análise será a noção/conceito de cosmopolitismo e a documentação privilegiada recorta artigos do jornal O Estado de São Paulo dos últimos anos e os correlaciona a pesquisas acadêmicas na intenção de captar as diferentes formas pelas quais são visualizados em sua inserção espacial, profissional e social na capital paulista, os problemas enfrentados na adaptação, a condição de legalidade/ilegalidade registrada e os obstáculos para a regularização da permanência provisória ou permanente.
- Tomo a palavra “cosmopolitano” a partir do grego kosmopolitês – cidadão do mundo – e usada, diz Jacques Derrida, para descrever pontos de vista variados e importantes da filosofia moral e sociopolítica. Entretanto, nesse nebuloso “core” partilhado por todos os pontos de vista, vigora a ideia de que os seres humanos, a despeito de suas filiações políticas, pertencem todos (ou ao menos pertenceriam) a uma única comunidade a ser cultivada. Diferentes versões do cosmopolitismo enfocam de modos diversos essa comunidade, alguns como instituições políticas, outras pelas normas morais ou de relacionamentos e, ainda outros, o enfocam como mercados compartilhados ou formas de expressão cultural. O interesse filosófico sobre o cosmopolitismo está no seu desafio a ligações que em geral ocorrem entre companheiros-cidadãos, o estado local, culturas paroquialmente partilhadas, etc. [Derrida, Jacques. On Cosmopolitanism and Forgiveness. Stanford Encyclopedia of Philosophy]
- **Nombre ponente 3:** Suelen Caldas de S. Simião
- **Afiliación institucional:** Instituto de Ciências Humanas e Filosofia-IFCH/Unicamp-Programa de Pós-Graduação em História
- **E-mail:** suelen\_caldas@hotmail.com
- **Título:** Entre a cidade e a cidadela: (in)tolerância e isolamento no espaço público.
- **Resumen:** O presente trabalho tem como intuito problematizar a questão do olhar e seus desdobramentos na película argentina, El hombre de al lado, de Mariano Cohn e Gastón Duprat (2009). O filme conta a história de dois vizinhos, Leonardo e Victor que se desentendem em virtude da abertura de uma janela, por Victor, na medianera que daria diretamente para casa de Leonardo, a casa Curutchet (1955), única edificada por Le Corbusier na América Latina. A casa, projetada pelo arquiteto franco-suíço, está totalmente inserida nos princípios da arquitetura moderna ligados à presença de luz solar e nesse sentindo contem uma série de janelas que possibilitam tanto a visibilidade das pessoas de dentro da casa, quanto do lado exterior. No entanto, a construção da janela

por Victor, desperta um incômodo em Leonardo, que se mantém por toda a película e tem seu desfecho de maneira trágica. Tais pontos nos levam a pensar sobre as maneiras de ver e olhar, como proposto por Claudine Haroche, que passam também por refletir sobre as noções de (in)tolerância e de isolamento no espaço urbano. Dessa maneira, assim como Robert Pechman salienta ao pensar em Hannah Arendt e Rubem Fonseca, a partir de um encontro hipotético entre os dois autores, tais pontos servem-nos para problematizar sobre o avesso da cidade que se transmuta em cidadela. O filme partindo de um caso específico de desencontro e não comunicação na cidade de La Plata, tem relevância para pensarmos as formas de negação do outro e de suas subjetividades ligadas à noção do olhar. Nesse sentido, a película nos possibilita trabalhar com a importância de se recuperar a natureza e a capacidade de perceber os plurais, única forma de recuperação do espaço público e do diálogo, conseqüentemente de exercício da política.

- **Nombre ponente 4:** Monique Félix Borin
- **Afiliación institucional:** Instituto de Filosofia e Ciências Humanas-IFCH/Unicamp- Programa de Pós Graduação em História.
- **E-mail:** moniquebfelix@gmail.com
- **Título:** De palacetes à cortiços: os conflitos e imagens de bem-viver urbano no bairro de Santa Ifigênia (1886-1923)
- **Resumen:** O crescimento urbano de São Paulo vivenciado na virada do século XIX para o XX se expressa de maneira conflitante do imaginário de seus habitantes. Santa Ifigênia era então o bairro mais populoso da cidade, abrigando uma população heterogênea socialmente, que ia dos setores mais pauperizados até representantes da elite paulistana. As imagens das mazelas e das benesses de viver na capital paulista durante o boom do desenvolvimento econômico estavam também representadas em seus cortiços e palacetes, que tornam o bairro - nascido de um loteamento com o sugestivo nome de Cidade Nova - um microcosmo dos embates entre as diferentes experiências da urbanização vividas pelos diversos atores sociais na São Paulo daquele momento. Nesta comunicação nos propomos discutir as sociabilidades do bairro da Santa Ifigênia no seu processo de urbanização, perscrutando os diversos olhares o bem-viver urbano e a hospitalidade para os habitantes do bairro de então. Além da especificidade de ser um bairro com uma grande densidade demográfica, a Santa Ifigênia era abrigo de muitos imigrantes, de diversas nacionalidades, que são grande parte da população de seus famosos cortiços. Buscaremos a partir de diversas fontes, como autos crime, relatórios, mapas e croquis de casas e comércios, tratar dos olhares e das imagens construídas sobre o acolhimento e o isolamento, a hospitalidade e o conflito, e, por fim, sobre a cidade de São Paulo como um bom ou mau lugar par se viver na virada do século XIX para o XX. A partir dessa reflexão, será possível fazer apontamentos sobre os sintomas da cidadela na urbanização de capital paulista.

- **Nombre ponente 5:** Ana Carolina Silva
- **Afiliación institucional:** Instituto de Filosofía e Ciências Humanas-Unicamp- Programa de Pós-Graduação em História
- **E-mail:** aninha\_carol@hotmail.com
- **Título:** A cidade bipartida: narrativa policial e tensões sociais na Londres vitoriana
- **Resumen:** Parto da análise proposta por Franco Moretti, em sua obra Atlas do romance europeu, de que os escritores britânicos, durante o final do século XVIII e decorrer do XIX, tendiam a representar áreas da cidade de Londres separadamente em suas narrativas e que tal prática de certa maneira auxiliou a forjar uma visão contrastiva e independente do East e do West End londrino. Nesta perspectiva, essas duas zonas se mostravam, ao invés de pertencerem à mesma cidade, como se, não só portassem em si aspectos, organizações sociais e funcionamentos distintos, mas também fossem vistas como áreas opostas, incomunicáveis e estritamente demarcadas. Essas caracterizações expressam, em linhas gerais, o que o crítico italiano conceituou como as duas Londres, uma intrinsecamente viciada e problemática e outra essencialmente civilizada e organizada. Posto isso, o presente trabalho possui as seguintes pretensões e intuítos: primeiro, explorar o argumento defendido por Moretti acerca de o romance policial ter contribuído de alguma forma para o mascaramento das tensões e os conflitos sociais na Londres Vitoriana; segundo, delinear e indagar o quanto essa construção de cidade cindida, instituída e veiculada pelas narrativas, nos abre caminhos para a reconstituição e a investigação a respeito dos olhares e conflitos concernentes às apropriações, usos e significações atribuídas aos espaços da cidade; e terceiro, apreender e perscrutar como as produções ficcionais e outros mecanismos discursivos articularam, coadunaram e sistematizaram múltiplas percepções e perspectivas (desenvolvidas em consonância com as transformações decorrentes das criações e utilizações dos aparatos tecnológicos e científicos e suas implicações nas práticas sociais) e proporcionaram a emergência de um (novo) sistema de códigos e símbolos voltados para tornar cognoscíveis as, até então, inusitadas vivências modernas.
  
- **Nombre ponente 6:** Giovana Aparecida Zimmermann
- **Afiliación institucional:** Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional-IPPUR/UFRJ
- **E-mail:** giovana\_zimmermann@hotmail.com
- **Título:** A delinquência e o delírio
- **Resumen:** A cidade expõe suas diferenças econômicas, sociais e culturais, de modo cada vez mais contundente. As patologias da urbe se manifestam nas promessas e frustrações, nas possibilidades e impossibilidades do convívio social. Capturada pelo desejo promovido e difundido na “cidade espetacular”, a juventude popular é confrontada com a repressão policial desde muito cedo mas continua exercendo um enfrentamento, um embate com a cidade, porque deseja vivê-la intensamente, embora percebida como uma ameaça. Será

possível considerar cada novo sofrimento como sintoma e resposta às transformações no horizonte de uma época? Na interpretação desse processo, destacam-se as manifestações artísticas, especialmente nos campos da literatura e do cinema, que tratam da dimensão simbólica do convívio na cidade. O presente artigo toma o personagem Dadinho/Zé Pequeno do filme Cidade de Deus para investigar a relação entre a delinquência e o delírio. Para Deleuze e Guattari o desejo não depende de uma falta, o desejo não remete à lei alguma, desejar não é ter falta de alguma coisa. Em Anti-Édipo, que tem como subtítulo Capitalismo e esquizofrenia, os filósofos trazem como ideia fundamental o princípio de que o inconsciente “produz” desejos, e Édipo é o efeito da repressão social sobre a produção desejante. Diante das impossibilidades, dos interdits da coerção o sintoma "Dadinho" é um fragmento de liberdade perdida, que vem a tona com a possibilidade de constituir um território de poder, engendrar um “outro mundo”, um condomínio possível que, para ele, é puro delírio.

- **Nombre ponente 7:** Marisa Varanda Carpintero
- **Afiliación institucional:** Instituto de Ciências Humanas e Filosofia/Unicamp- Programa de Pós-Graduação em História-CIEC.
- **E-mail:** mvcarpin@uol.com.br
- **Título:** Coreografia da “indiferença”: movimentos e ritmos na linguagem do urbanismo.
- **Resumen:** O arquiteto austríaco Camilo Sitte em seu livro “A construção das cidades segundo seus princípios artísticos” recuperou as palavras de Aristóteles, que resumiu os princípios da construção urbana ao dizer que uma cidade deve ser construída para tornar o homem ao mesmo tempo seguro e feliz. No entanto, os jornais, a televisão e outros meios de comunicação ao lado da nossa experiência cotidiana, revelam através de estatísticas, relatos, mapas e fotografias os diversos problemas que ameaçam a sobrevivência do homem na cidade contemporânea. Cada vez mais distantes da cidade desejada por Aristóteles e reiterada nas propostas de Camilo Sitte, estamos sujeitos a continuar dançando o ritmo descompassado da indiferença, da exclusão e do medo. Todos os dias, exorcizamos as cenas dos sem teto que buscam o abrigo nas pontes e viadutos, ou as expansões dos cortiços e das favelas avançando em áreas de mananciais. Ainda sentimos os efeitos maléficos da poluição, do narcotráfico, da violência, do barulho, da falta de transporte público, do engarrafamento da cidade, das enchentes e do tempo escasso. No baile da indiferença podemos encontrar a presença do urbanismo, que desde a metade do século XIX, vem procurando encontrar soluções para os problemas que ameaçavam as condições de vida dos centros urbanos. Algumas dessas propostas foram tocadas ao som da especulação imobiliária, da segregação espacial, da prioridade ao carro e das intervenções as práticas de morar. Esta comunicação pretende demonstrar o papel dos urbanistas, no decorrer das primeiras décadas do século XX e acompanhar os seus múltiplos movimentos marcados pelo discurso da indiferença, da segregação, reforçando os sentimentos de estranhamento ao outro na cidade.

- **Nombre ponente 8:** Monica Figueredo
- **Afiliación institucional:** UFRJ/CNPq
- **E-mail:** mnfigueiredo@hotmail.com
- **Título:** A cidade como ficção. O espaço urbano no romance oitocentista.
- **Resumen:** A cidade será sempre um espaço consumidor de imaginário. Paisagem escolhida pela civilização, as cidades acompanharam o processo de evolução humana, transformando-se no espelho que de perto refletiu as mudanças, nem sempre edificadoras, vividas pela humanidade ao longo de sua história. Das ruínas da Antigüidade clássica às metrópoles futuristas, “a geografia pública de uma cidade é a institucionalização da civilidade”, porque *civilidade* e *cidade* partem de uma raiz etimológica comum. O século XIX foi aquele que perpetuou a cidade como espaço essencialmente burguês. É a cidade finissecular que vai aos poucos substituindo os valores públicos do Antigo Regime pelo culto da personalidade, criando uma cultura que centra no indivíduo as determinações de seu próprio destino. A *res publica* transforma-se num valor do passado e a cidade é agora um lugar que abriga o estranho. O homem individualizado exaltará a intimidade, fazendo com que a sociabilidade entre em crise e a fragmentação é a marca da cidade erguida a partir do século XIX, espaço responsável por uma “fraternidade que leva ao fratricídio” (como definiu Richard Sennett), espécie de eco definitivo – inscrito no corpo da cidade – da falência dos ideais que haviam forjado a Revolução Francesa. O presente trabalho pretende averiguar como as linhas ficcionais do romance da segunda metade dos oitocentos re(a)presentou a cidade referencialmente histórica, transformando-a em espaço privilegiado de ação, cenário problematizado, onde ficcionalmente a História de um tempo em crise foi posta em xeque pelos principais autores herdeiros da estética realista.